

### 3 O *sluicing*

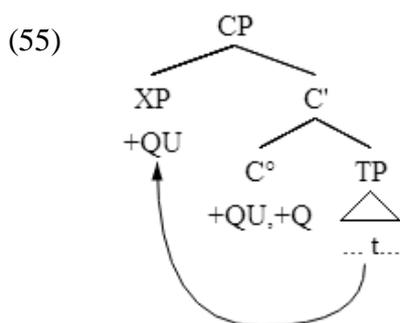
“A palavra é prata, o silêncio é ouro” (Adágio popular)

*Sluicing*<sup>13,14</sup> foi o nome dado por Ross (1969) ao fenômeno exemplificado em (53) e (54), nos quais a porção sentencial de um constituinte encabeçado por um pronome interrogativo é elidida, deixando explícito somente o elemento –QU. Ou seja, no *sluicing*, ocorre apagamento do nóculo estrutural de tempo.

(53) João comeu alguma coisa, mas eu não sei o que \_\_\_\_ [<sub>TP</sub> ~~João comeu~~]

(54) Maria ligou, mas eu não sei por que \_\_\_\_ [<sub>TP</sub> ~~Maria ligou~~]

Esses exemplos parecem possuir a estrutura como em (55), como defende a maior parte dos pesquisadores, em que há movimento do elemento –QU para SpecCP, seguido do apagamento da porção sentencial do CP interrogativo.



<sup>13</sup> Na literatura linguística em português, o termo tem sido traduzido por *truncamento* (Cyrino e Matos, 2006). Contudo, não adotaremos essa nomenclatura, neste trabalho, por a considerarmos vaga e imprecisa, uma vez que o termo *truncamento* pode se referir a diferentes fenômenos morfofonológicos presentes na gramática da língua. O termo também foi traduzido como *escoamento* em Maduro (2005). No entanto, continuaremos a adotar, neste trabalho, a denominação *sluicing*.

<sup>14</sup> A origem do termo *sluicing* não é clara. Todavia, algumas especulações já foram feitas. A primeira delas faz referência ao sentido do verbo *to sluice*, que significa *lavar/limpar com um jato d'água*. Esse sentido teria sido metaforicamente estendido ao “lavar” da sentença que segue a palavra –QU. Outra possível interpretação remonta à similaridade de som entre os termos *sluicing* e *S-losing*, sendo esta última expressão uma referência à perda do nó S que segue o pronome interrogativo (Merchant, 2001).

Situado na interseção de dois dos temas mais bem estudados na Linguística Gerativa, a saber, elipse e movimento –QU, o *sluicing* parece ser um fenômeno universal, podendo ser encontrado em línguas de famílias variadas como o japonês, árabe, finlandês, inglês, línguas românicas, etc (Merchant, 2003).

Apesar de ser um fenômeno bastante importante no contexto das construções elípticas, constata-se que muito pouco tem sido dito a respeito do assunto. Apenas recentemente esse tipo de construção foi retomada levando-se em consideração dados da língua inglesa (Merchant, 2001), e, embora este estudo apresente um levantamento tipológico dessa construção, suas análises concentram-se apenas em dados do inglês. Em relação ao português (brasileiro e europeu) muito pouco foi discutido sobre o tema. Como discutiremos abaixo, apenas dois artigos acerca do fenômeno foram escritos sobre o português do Brasil, havendo entre eles uma disputa de análise bastante marcante.

### 3.1

#### Diferentes propostas de análise para o *sluicing*

Como vimos na seção 2.3, na linguística gerativa, as elipses têm sido analisadas sob três perspectivas distintas. A primeira delas busca dar conta do fenômeno por meio da proposta de uma Teoria do Apagamento, segundo a qual o material elidido possui estrutura sintática, que é apagada em PF. Essa linha de pensamento pode ser encontrada em Sag (1976), Ross (1969), Merchant (2001), dentre outros.

A segunda proposta de análise aponta para uma Teoria de Cópia ou Teoria da Interpretação (Williams, 1977; Chung et al., 1995; Lobeck, 1995). Segundo essa proposta, o sítio elidido contém elementos lexicais nulos, que podem ser interpretados via substituição ou cópia do componente semântico do antecedente, em LF, a fim de garantir a correta interpretação da categoria nula.

Finalmente, a terceira proposta de análise sugere que não há nenhuma estrutura sintática além do que é pronunciado. Essa proposta é conhecida como Teoria da Interpretação Direta e é ecoada em autores como Ginzburg & Sag (2000) e Culicover & Jackendoff (2005).

Este trabalho, no entanto, alinhando-se com Merchant (2001), se baseará no pressuposto de que as estruturas com *sluicing* envolvem movimento –QU se-

guido de apagamento do TP contendo a posição original do elemento –QU movido<sup>15</sup>.

### 3.2 Desafios a uma teoria sobre o *sluicing*

Como destacamos anteriormente, no *sluicing* há mais questões em aberto do que conclusões definitivas. Encontramos nesse tipo de construção alguns fenômenos sobremodo intrigantes, que não receberam análises satisfatoriamente explicativas por parte dos teóricos da linguagem. Essa seção é dedicada a alguns desses fenômenos.

#### 3.2.1 *Swiping*

*Swiping*<sup>16</sup> é o nome dado por Merchant (2002) a um fenômeno peculiar encontrado em algumas línguas germânicas. Esse fenômeno está particularmente restrito aos casos de *sluicing* e se caracteriza pela presença da preposição após a palavra –QU e não antes desta, como de costume (cf. (56))<sup>17</sup>.

- (56) a. John was dancing, but I don't know **with who** → *Sluicing*  
 b. John was dancing, but I don't know **who with** → *Swiping*

Embora não seja muito discutido, o fenômeno foi notado por Ross (1969) em sua análise sobre o *sluicing* e, posteriormente, recebeu atenção de outros autores tais como Rosen (1976), van Riemsdijk (1978), Richards (1997), Merchant (2002), van Craenenbroeck (2004), Hartman & Ai (2009), entre outros.

Apesar de ser um fenômeno encontrado nas línguas germânicas, comum no dinamarquês e em algumas variedades do norueguês, o *swiping* não é permitido em línguas como o sueco, islandês ou frísio. No entanto, é razoavelmente comum no inglês falado e escrito, não estando restrito ao dialeto americano (Mer-

<sup>15</sup> Considerando-se que não há dados empíricos que nos permitam decidir quer por teoria de apagamento, quer por uma teoria de reconstrução.

<sup>16</sup> O termo foi cunhado por Merchant (2002) e trata-se de um acrônimo para a expressão em inglês: **Sluiced Wh-word Inversion with Prepositions In Northern Germanic**.

<sup>17</sup> O PB não permite *swiping*, por isso, não forneceremos exemplos em português.

chant, 2002), como podemos ver abaixo, nos exemplos tirados de Merchant (2002):

- (57) a. Lois was talking, but I don't know who to  
 b. They were arguing; God only knows what about  
 c. "But I will quiz you with a great deal of pleasure, if you will tell me what about." (Jane Austen (1775-1817), *Mansfield Park*, ch. 5)  
 d. Abby quit and got a new job—guess what as!

Considerando os dados do inglês, Merchant (2002) e van Craenenbroeck (2004) apontam quatro características descritivas do *swiping* que elucidam o fenômeno.

### 3.2.1.1

#### Em que ambientes ocorre o *swiping*?

Como o próprio termo nos permite prever, o *swiping* só acontece no *sluicing*. Essa generalização recebe o nome de *Condição do Sluicing* em Merchant (2002) e é ilustrada por meio dos exemplos abaixo, em que a inversão entre palavra –QU e preposição não é possível em nenhum outro ambiente em que a preposição selecione um elemento –QU como seu complemento:

- (58) a. \*I don't know who with John was dancing  
 b. \*Who with was John dancing?  
 c. \*What on are you writing your paper?  
 d. \*I know when he moved, but I don't know where to he did

### 3.2.1.2

#### Com que tipos de palavras –QU o *swiping* ocorre?

Para dar conta da gama de palavras –QU que aparecem no *swiping*, Merchant (2002) propõe a *Condição da Minimalidade*<sup>18</sup>, segundo a qual apenas ele-

<sup>18</sup> A *Condição da Minimalidade* (do inglês *Minimality Condition*) refere-se a condição a que estão submetidos os casos de *swiping*, segundo a qual apenas elementos –QU mínimos podem ocorrer no *swiping*. É importante ressaltar que a *Condição da Minimalidade* proposta em Merchant (2002) não está relacionada àquela proposta em Chomsky (1986) e Rizzi (1990). Para evitar a confusão

mentos –QU mínimos, definidos como núcleos simples, podem aparecer no *swiping*, estando banidos os elementos –QU morfologicamente complexos. Merchant (2002) identifica duas exceções a essa generalização. A primeira delas diz respeito às palavras *which* e *whose*, que são elementos –QU mínimos que não ocorrem no *swiping*, e a segunda diz respeito às expressões *how long*, *how much* e *how many*, palavras –QU morfologicamente complexas que são marginal e variavelmente aceitas no *swiping*.

- (59) a. \*He’s been living in Europe, but I’m not sure how long for  
 b. \*John is living in somebody’s house, but I don’t know whose in  
 c. \*This poem was written by a famous writer from Italy, but I don’t remember which by  
 d. \*She will travel to a lot of cities, but we don’t know how many to  
 e. \*She bought all this stuff, but I didn’t ask how much for

### 3.2.1.3

#### Qual a correta entonação no *swiping*?

No *swiping*, a preposição sempre recebe ênfase. Caso a palavra –QU seja realçada em vez da preposição, a sentença torna-se inaceitável.

- (60) a. John went to the party, but I’m not sure who WITH/ \*WHO with  
 b. Mary is talking to someone, but I don’t know who TO/ \*WHO to  
 c. Mary and John were arguing, but I don’t know what ABOUT/ \*WHAT about  
 d. I will write my thesis, but I’m not sure what ON/ \*WHAT on

---

com o uso mais conhecido do termo, Hartman & Ai (2009) referiram-se a condição proposta em Merchant (2002) como *Condição do –QU Mínimo* (do inglês *Minimal –WH Condition*). No entanto, neste trabalho, manteremos a denominação *Condição da Minimalidade* por a considerarmos mais apropriada.

### 3.2.1.4

#### O *swiping* só ocorre com PP's sem antecedente

Essa propriedade do *swiping* foi primeiramente observada por Rosen (1976), que determina que este só é possível quando o TP antecedente não contém ocorrência da preposição alvo do *swiping*.

- (61) a. Mary talked for hours, but I don't know what about  
 b. \*Mary talked for hours about linguistics, but I don't what about

No exemplo dado acima em (61a), o TP antecedente *Mary talked for hours* não contém nenhuma ocorrência da preposição *about*, alvo do *swiping*. Por essa razão, o *swiping* é permitido, diferentemente do que acontece em (61b). Observe, no entanto, o exemplo (62):

- (62) Mary shares the apartment with someone, but I'm not sure who with

Nesse exemplo, o TP antecedente contém uma ocorrência da preposição alvo do *swiping*, mas ainda assim este é aceitável. Merchant (2002) explica essa aparente contradição assumindo que, em casos como (62), o PP se une ao VP, e o menor segmento do VP, que exclui o PP, é tomado como antecedente para o *sluicing*, a fim de satisfazer a condição de identidade (cf. (63b)). Desta forma, o sintagma antecedente não terá nenhuma ocorrência da preposição alvo do *swiping* e este poderá ser aplicado, como ilustra a estrutura em (63b).

- (63) a. Mary [<sub>VP</sub> shares the apartment] [<sub>PP</sub> with someone], but I'm not sure who with \_\_\_\_ [<sub>TP</sub> ~~Mary shares the apartment~~]  
 b. Mary [<sub>VP</sub> [<sub>VPA</sub> *t*<sub>Mary</sub> shares the apartment] with someone], but I'm not sure who with \_\_\_\_ [<sub>TP</sub> ~~Mary shares the apartment~~]

Portanto, as quatro principais características do *swiping* são: (a) o *swiping* só pode acontecer no contexto do *sluicing*; (b) o *swiping* só ocorre com expres-

sões –QU mínimas; (c) no *swiping*, a preposição sempre recebe ênfase; e, finalmente, (d) o *swiping* só ocorre com PP's sem antecedente<sup>19</sup>.

### 3.2.2 *Sluicing* múltiplo

*Sluicing* múltiplo é a denominação dada a estruturas com *sluicing* em que mais de uma palavra –QU é deixada para trás, como nos mostram os exemplos abaixo:

- (64) a. Maria comprou alguma coisa para alguém, mas eu não sei o que para quem  
 b. João estava falando alguma coisa com alguém ontem, mas eu não sei o que com quem

A literatura linguística que busca elucidar o fenômeno do *sluicing* múltiplo tem proposto diferentes análises, ao longo dos anos. A primeira delas busca dar conta do fenômeno assumindo que ambas as palavras –QU são deixadas à frente por meio de movimento –QU para SpecCP (Rudin, 1985; Richards, 2001). A segunda proposta de análise assume que o elemento –QU inicial se move para SpecCP, enquanto o outro se move para uma posição periférica da sentença (Rudin, 1985; Bošković, 2002). Finalmente, a última proposta indica que os elementos –QU se unem e vão para frente juntos (Grewendorf, 2001).

Esse tipo de construção parece ser aceitável em línguas como o alemão, holandês, grego, japonês, turco, espanhol, português brasileiro, inglês, (Merchant, 2003; Rodrigues et al., 2009). No entanto, sua aceitabilidade no inglês está restrita a alguns falantes da língua e seu uso não é muito comum.

<sup>19</sup> Outra propriedade interessante do *swiping* é que este pode ocorrer com modificadores agressivos não *D-link*, diferentemente do *sluicing*:

(i) \*Someone broke my glasses, and I want to know who the hell!  
 (ii) John is talking, but God knows who the hell to! (Merchant, 2002)

### 3.3 A proposta de Merchant (2001)

Por conta de sua importância, o *sluicing* tem sido estudado com afinco em línguas como o inglês, sendo Jason Merchant um dos principais estudiosos do fenômeno nesta língua.

Em seu trabalho de 2001, seguindo Ross (1969), o autor argumenta que construções com *sluicing* envolvem movimento –QU, seguido de apagamento do sintagma de tempo que continha o pronome interrogativo, em PF. Segundo essa abordagem, um traço [E] em C° licencia o apagamento do TP (complemento de C°) em PF. Esse traço contém todas as propriedades relevantes que distinguem a estrutura elíptica de sua contraparte não elíptica.

A estrutura de [E] restringe suas ocorrências às estruturas interrogativas em C°, ou seja, a ocorrência de [E] só pode ocorrer em C°, que comporta os traços [+QU, +Q], necessários à checagem dos traços não interpretáveis [-QU, -Q]<sup>20</sup>, presentes em [E]. Quanto aos efeitos de [E] sobre a pronúncia, pode-se dizer que ele instrui o componente responsável pela interpretação fonológica a não processar sintaticamente seu complemento, no caso o TP. A semântica de [E] é igualmente simples e restringe sua ocorrência a casos em que o elemento a ser elidido é *e-GIVEN*, ou seja, o constituinte A e seu antecedente devem acarretar um ao outro a fim de que A seja elidível. De acordo com Merchant (2004), ao restringir os efeitos sintáticos, semânticos e fonológicos das construções elípticas ao traço [E], há uma grande simplificação da teoria das elipses, propósito perseguido por Merchant (2001).<sup>21</sup>

Além disso, considerando o parâmetro do encaimento de preposição em uma amostra de dezoito diferentes línguas, incluindo as línguas românicas, Merchant propõe a seguinte generalização, que, segundo ele, seria universal:

<sup>20</sup> Os traços não interpretáveis [-QU, -Q], presentes em [E] são traços fortes e precisam ser checados numa relação local (de núcleo para núcleo).

<sup>21</sup> O traço [E] é postulado também para outros tipos de elipse (elipse de VP, elipse de NP). Essas variedades de [E] apresentarão requisitos sintáticos ligeiramente diferentes e estarão sujeitos a variações entre as línguas (Merchant, 2004).

### (65) **Generalização do Encalhamento de Preposição**

“Uma língua L permitirá o encalhamento de preposição em sentenças com *sluicing* se e somente se L permite esse encalhamento em sentenças simples” (Merchant, 2001, p. 92).

Na próxima seção, no entanto, mostraremos que os dados do português brasileiro (PB) levam a uma discussão mais detalhada dessa generalização. Esses dados levantam uma importante questão: qual é a estrutura do sintagma elidido no *sluicing*? Como argumentaremos nesta dissertação, a resposta a essa questão é crucial para entendermos o comportamento das construções com *sluicing* do PB em relação à generalização em (65).

### 3.4

#### O PB como contra-argumento à generalização de Merchant

O argumento de Merchant (2001) foi contestado por Almeida & Yoshida (2007), que demonstram que línguas como o PB parecem falsear a generalização de Merchant, já que esta é uma língua que não admite encalhamento de preposição em movimento simples de –QU (cf. (66b)), mas o permite em casos de movimento em sentenças com *sluicing* (cf. (67b) e (67d)).

(66) a. Com quem o João dançou?

b. \*Quem o João dançou com?

(67) a. O João dançou com alguém, mas eu não sei [com quem] ~~o João dançou~~

b. O João dançou com alguém, mas eu não sei [quem] ~~o João dançou [com]~~

c. O João dançou com alguém, mas eu não lembro [com quem] ~~o João dançou~~  
eu.

d. O João dançou com alguém, mas eu não lembro [quem] ~~o João dançou~~  
[com]

Como os dados em (67) indicam, no *sluicing* do PB, a preposição que encabeça o sintagma interrogativo pode ser movida junto com a palavra –QU ou ficar para trás. Quando a preposição não é movida, ela é elidida ((67b) e (67d)),

pois está presa dentro do sintagma de tempo que não sobreviveu ao apagamento. Já os dados em (66) demonstram que, em sentenças interrogativas comuns, o português, de modo geral, não aceita deslocamento de palavra interrogativa deixando para trás a preposição que encabeça o sintagma de onde a palavra interrogativa foi retirada. Daí, o contraste entre (66a) e (66b).

A assunção de Almeida e Yoshida (2007) é que o *sluicing* no PB possui algumas propriedades do *sluicing* no inglês e, por essa razão, representa um contraexemplo à generalização proposta por Merchant (2001). Os argumentos utilizados por Almeida & Yoshida (2007) para sustentar essa hipótese são apresentados a seguir.

### 3.4.1

#### O *sluicing* no PB não pode ser entendido como *pseudosluicing*

Merchant (2001) propõe que existem duas origens possíveis para o *sluicing* no inglês, a saber: *sluicing* regular (cf. (68)) e *pseudosluicing* (cf. (69)).

##### (68) *Sluicing* regular

Mary was talking to someone, but I don't know who<sub>i</sub> \_\_\_\_ [TP ~~Mary was talking to~~  
#<sub>i</sub>]

##### (69) *Pseudosluicing*

Mary was talking to someone, but I don't know who<sub>i</sub> \_\_\_\_ [TP ~~it was~~<sub>i</sub>]

Em algumas outras línguas, como o japonês, por exemplo, tem-se argumentado que as construções com *sluicing* são, na verdade, instâncias de *pseudosluicing* (Merchant, 1998). No entanto, Almeida & Yoshida (2007) não acreditam ser este o caso do PB. Para eles, o primeiro motivo pelo qual o *sluicing* no PB não pode ser entendido como um exemplo de *pseudosluicing* é a inexistência de sentenças bem-formadas com a estrutura como em (69), no PB. De acordo com os autores, a única maneira de estruturas clivadas no PB se tornarem gramaticais é por meio do *pied-piping* da preposição, como mostram os exemplos (70a-d), retirados de Almeida & Yoshida (2007).

(70) Maria dançou com alguém, mas ...

- a. eu não sei com quem
- b. eu não sei com quem foi
- c. eu não sei quem
- d. ?eu não sei quem foi<sup>22</sup>

Segundo os autores, o fato de a sentença (70d) ser considerada inaceitável está relacionado à restrição sobre o encaimento da preposição no PB. Isso porque, quando este não está envolvido, a sequência *mas eu não sei quem foi* não apresenta nenhum problema e é completamente aceitável, como mostram os exemplos em (71) e (72):

(71) João beijou alguém, mas eu não sei quem foi

(72) Alguém dançou com Maria, mas eu não sei quem foi

O segundo motivo pelo qual o *sluicing* não pode ser entendido como uma manifestação de *pseudosluicing* encontra-se em Merchant (2001), em que se defende o argumento de que, se o *sluicing* estivesse relacionado a estruturas clivadas, as línguas que não apresentassem estas, também não apresentariam aquele. Essa suposição, no entanto, não se sustenta, uma vez que há algumas línguas, como o romeno, que não possuem estruturas clivadas (cf. (73a)), mas apresentam construções com *sluicing* (cf. (73b)).

(73) a. \*E Maria (că) vreau să întîlnesc

*É Maria que quer.1sg SUBJ encontrar.1sg.*

‘É a Maria que eu quero encontrar.’<sup>23</sup>

b. Vrea să întîlnească pe cine-va, dar nu ştiu pe cine

*Quer.3sg SUBJ encontrar.3g ACC alguém mas não eu.sei ACC quem*

‘Ela quer encontrar alguém, mas eu não sei quem.’

<sup>22</sup> O ponto de interrogação indica que a sentença é marginalmente aceita, ou seja, sua aceitabilidade é questionável.

<sup>23</sup> Retirado de Grosu, 1994, pp. 203-204 apud Merchant, 2001, p. 125.

Merchant (2001) aponta uma sequência de dez evidências em favor da hipótese de que o *sluicing* do inglês não é um caso de *pseudosluicing*. Esse mesmo caminho é traçado por Almeida & Yoshida (2007), considerando-se apenas quatro das evidências apontadas por Merchant (2001).

### 3.4.1.1 Prosódia

Em seu trabalho de 2001, Merchant argumenta que o contorno entonacional do inglês apresenta padrões diferenciados no *sluicing* e nas estruturas clivadas, pois, enquanto no *sluicing* a ênfase deve recair sobre o elemento –QU, nos casos de clivagem, esta deve recair sobre a cópula. Segundo Almeida & Yoshida (2007), esse mesmo padrão é encontrado no PB.

- (74) a. John danced with someone, but I don't know with WHO  
 b. John danced with someone, but I don't know WHO  
 c. John danced with someone, but I don't know with who it WAS  
 d. John danced with someone, but I don't know who it WAS  
 e. \*John danced with someone, but I don't know with WHO it was  
 f. \*John danced with someone, but I don't know WHO it was
- (75) a. João dançou com alguém, mas eu não sei com QUEM  
 b. João dançou com alguém, mas eu não sei QUEM  
 c. João dançou com alguém, mas eu não sei com quem FOI  
 d. ?João dançou com alguém, mas eu não sei quem FOI  
 e. \*João dançou com alguém, mas eu não sei com QUEM foi  
 f. \*João dançou com alguém, mas eu não sei QUEM foi

### 3.4.1.2 Modificação com expressões agressivas não *D-link*<sup>24</sup>

Em inglês, os modificadores agressivos sem *D-link* não podem ocorrer com *sluicing*. Contudo, são considerados gramaticais quando ocorrem com estru-

<sup>24</sup> Para uma abordagem mais acurada do fenômeno de expressões agressivas não *D-link* ver Dikken & Giannakidou (2002).

turas clivadas. Segundo Almeida & Yoshida (2007), esse mesmo padrão se mantém no PB.

- (76) a. \*John danced with someone yesterday. I wish I knew (with) who the hell!  
 b. John danced with someone yesterday. I wish I knew (with) who the hell it was!

- (77) a. \*João dançou com alguém ontem. Eu só queria saber (com) quem diabos!  
 b. João dançou com alguém ontem. Eu só queria saber (com) quem diabos foi!

### 3.4.1.3 Modificação com itens restritivos

No inglês, o ponto central de uma estrutura clivada força uma interpretação mais abrangente, sendo, por essa razão, incompatível com modificadores que requerem uma interpretação mais restritiva, como a expressão *por exemplo*. De acordo com Almeida & Yoshida (2007) esse padrão se repete no PB.

- (78) Someone should speak with you about this issue  
 a. \*Can you tell me who it is, for example?  
 b. Can you tell me who, for example?  
 c. \*Who is it, for example?  
 d. Who, for example?
- (79) Alguém deveria falar com você sobre esse assunto  
 a. \*Você pode me dizer quem é, por exemplo?  
 b. Você pode me dizer quem, por exemplo?  
 c. \*(Com) quem é, por exemplo?  
 d. (Com) quem, por exemplo?

### 3.4.1.4 Modificação com *mais*

Por conta das mesmas razões apontadas acima, no inglês, o modificador *mais* não é bem aceito com estruturas clivadas, mas o é em relação às construções com *sluicing*. Esse comportamento também pode ser observado no PB.

- (80) a. Mary was here, but I don't know who else  
 b. \*Mary was here, but I don't know who else it was  
 c. Mary spoke to the reporters, but I don't know (with) who else  
 d. \*Mary spoke to the reporters, but I don't know (with) who else it was
- (81) a. Maria estava aqui, mas eu não sei quem mais  
 b. \*Maria estava aqui, mas eu não sei quem mais é  
 c. Maria falou com os repórteres, mas eu não sei (com) quem mais  
 d. \*Maria falou com os repórteres, mas eu não sei (com) quem mais é

### 3.4.2 O *sluicing* no PB melhora efeitos de ilha sintática

Outro argumento utilizado por Almeida & Yoshida (2007) para defender a hipótese de que o *sluicing* no PB possui as mesmas propriedades do *sluicing* em inglês está relacionado ao fato de que, assim como no inglês, o *sluicing* no PB parece tornar melhores os efeitos de ilha nas versões não elípticas das sentenças.

- (82) a. \*John was dancing with Mary and someone else, but I don't remember  
 who<sub>i</sub> John was dancing with Mary and with  $t_i$   
 b. John was dancing with Mary and someone else, but I don't remember  
 who<sub>i</sub> <John was dancing with Mary and with  $t_i$ >
- (83) a. \*João estava dançando com Maria e mais alguém, mas eu não lembro  
 quem<sub>i</sub> que o João estava dançando com Maria e com  $t_i$   
 b. João estava dançando com Maria e mais alguém, mas eu não lembro  
 quem<sub>i</sub> <que o João estava dançando com Maria e com  $t_i$ >

### 3.4.3 Apagamento de preposição nas relativas

Almeida & Yoshida (2007) argumentam que, no PB, algumas preposições podem ser apagadas de dentro de orações relativas.

- (84) a. O rapaz com quem Maria dançou era bonito  
b. O rapaz que Maria dançou era bonito

Diante desses exemplos, poder-se-ia argumentar que o encaimento da preposição no *sluicing* do PB é apenas um caso de apagamento da preposição. No entanto, de acordo com os autores, a possibilidade de apagamento da preposição em relativas não abrange todos os tipos de verbos.

- (85) a. O rapaz com quem Maria falou era bonito  
b. \*O rapaz que Maria falou era bonito

Deste modo, pode-se argumentar que, se o encaimento da preposição no *sluicing* é apenas um artifício para se usar verbos que admitem o apagamento da preposição, então o encaimento da preposição no *sluicing* deveria estar restrito a esse tipo de verbos. Contudo, ao observarmos casos como (86), vemos que essa suposição não está correta.

- (86) a. Maria falou com alguém, mas eu não sei com quem<sub>i</sub> [~~Maria falou  $t_i$~~ ]  
b. Maria falou com alguém, mas eu não sei quem<sub>i</sub> [~~Maria falou com  $t_i$~~ ]

Portanto, o que se pode concluir, segundo os autores, é que o apagamento da preposição nas relativas do PB é um fenômeno independente da possibilidade de encaimento da preposição no *sluicing*.

### 3.4.4 Conclusões de Almeida & Yoshida (2007)

Para Almeida & Yoshida (2007), o *sluicing* no PB se impõe como um grande desafio à generalização proposta em Merchant (2001), uma vez que o PB é

uma língua que não admite o encalhamento da preposição em estruturas regulares, mas o admite nas estruturas com *sluicing*.

O argumento dos autores é que o *sluicing* no PB possui as mesmas características do *sluicing* no inglês, não sendo possível, portanto, ser analisado como uma ocorrência de *pseudosluicing*, como procuram demonstrar as evidências apresentadas acima. Além disso, Almeida & Yoshida (2007) procuraram demonstrar que o apagamento da preposição no *sluicing* do PB não está sujeito a uma regra geral de licenciamento do apagamento da preposição na língua.

O questionamento final que os autores apresentam é: “haveria uma maneira de reconciliar os dados do PB com as evidências apresentadas por Merchant (2001)?” (Almeida & Yoshida, 2007, p. 361).

### 3.5 A hipótese de *pseudosluicing* no PB

Em trabalho posterior, também analisando o PB, Rodrigues et al. (2009) concluem que não há total incompatibilidade entre os dados apresentados por Almeida & Yoshida (2007) e a generalização de Merchant (2001), que é, sim, aplicável ao português brasileiro. Segundo eles, as contraevidências à generalização de Merchant apresentadas por Almeida & Yoshida (2007) são somente aparentes e não dão conta de explicar o fenômeno do *sluicing*. Para os autores, existem duas raízes para o *sluicing*: a primeira delas envolve movimento –QU e apagamento do sintagma de tempo, como propõe Merchant (2001), e a segunda, envolve movimento –QU e apagamento de um sintagma de tempo clivado (*pseudosluicing*<sup>25</sup>). De acordo com os autores, essa é a causa subjacente do encalhamento da preposição no *sluicing*, ou seja, para Rodrigues et al. (2009), sentenças do inglês como (87a) têm a estrutura sintática em (87b), em que apenas um sintagma de tempo comum é elidido<sup>26</sup>. Já sentenças do português como (88a) tem a estrutura sintática em (88b), em que o processo de elisão apaga um sintagma de tempo clivado:

<sup>25</sup> É importante destacar que Rodrigues et al. (2009) não usam o termo *pseudosluicing* na mesma acepção de Merchant (1998), que o define como uma estrutura clivada cujo eixo é um elemento –QU extraído. Já Rodrigues et al. (2009) definem o termo como uma estrutura clivada cujo TP foi elidido.

<sup>26</sup> É importante ressaltar que o inglês é uma língua que licencia encalhamento de preposição em sentenças sem *sluicing*, em conformidade com a generalização de Merchant, como mostra o dado em (i):  
(i) Who did John dance with?

- (87) a. John danced with someone, but I don't know who  
 b. John danced with someone, but I don't know who [<sub>TP</sub> ~~John danced with~~]
- (88) a. O João dançou com alguém, mas eu não sei quem  
 b. O João dançou com alguém, mas eu não sei [<sub>CP</sub> quem [<sub>TP</sub> ~~é [<sub>DP</sub> a pessoa  
 [~~que o João dançou com~~]~~]

O ponto crucial do argumento de Rodrigues et al. (2009) é que essas estruturas com clivagem envolvem a presença de um elemento –QU central, um verbo de cópula e uma expressão nominal determinante contendo uma oração relativa, na qual a preposição é carregada pelo pronome relativo. Assim, assumindo-se que as construções clivadas são formadas por meio de um processo de relativização (Modesto, 2000) e que o PB é uma língua em que preposições podem ser apagadas de dentro de relativas (cf. (89)) (Kato, 1993; Corrêa, 1998), a ocorrência de apagamento de preposição em estruturas com *pseudosluicing* não pode ser tomada como contraevidência à generalização de Merchant (2001).

- (89) Foi essa a professora que eu conversei ontem.

Essa proposta de análise nos leva à seguinte previsão: no PB, o encaimento da preposição no *sluicing* e o apagamento da preposição de dentro de orações relativas estão relacionados, ou seja, o fenômeno de *sluicing* com preposição encaçada é função da possibilidade de relativas cortadoras na língua e a aceitabilidade de uma implicará a aceitabilidade da outra. Caso essa previsão se confirme, segue-se que a condição de identidade que se requer do sítio elidido e seu antecedente é de ordem semântica e não sintática, como propõe Chung (2013).

Merchant (2004) explica que o *sluicing* exige identidade sintática e semântica entre o sintagma de tempo elidido e o sintagma de tempo da primeira oração coordenada, como apresentamos em (53), repetido aqui como (90). No entanto, a possível existência de *pseudosluicing* coloca em cheque essa exigência, já que a estrutura do sintagma de tempo elidido não é sintaticamente idêntica à estrutura do sintagma de tempo da primeira oração, como ilustrado em (91):

(90) [TP o João [VP comeu [NP alguma coisa]]], mas eu não sei o que [~~TP o João [VP~~  
~~comeu [NP -]]]~~

(91) O João [TP dançou [PP com [NP alguém]]], mas eu não sei quem [~~TP é [NP - a~~  
~~pessoa [C - que [TP [NP - o João] [VP dançou [PP com [NP -]]]]]]]~~

Portanto, é preciso verificar em que medida a exigência de identidade sintática é uma restrição robusta da gramática<sup>27</sup>, assunto ao qual retornaremos no capítulo 4 deste trabalho. Por ora, apresentaremos os argumentos utilizados por Rodrigues et al. (2009) para sustentar a hipótese de *pseudosluicing*.

### 3.5.1

#### ***Sluicing* múltiplo e encalhamento de preposição**

Como os dados em (64a), repetidos aqui como (92), indicam, o PB admite a ocorrência de *sluicing* múltiplo.

(92) Maria comprou alguma coisa para alguém, mas eu não sei o que para quem

No entanto, nesses casos, o apagamento da preposição, seja a primeira, a segunda ou ambas, não é permitido, como podemos constatar ao observarmos a inaceitabilidade dos exemplos em (93). Portanto, nos casos de *sluicing* múltiplo no PB, o uso da preposição é sempre obrigatório.

(93) a. Maria comprou alguma coisa para alguém, mas eu não sei o que \*(para) quem

b. João falou sobre alguma coisa para alguém, mas eu não sei \*(sobre) o que \*(para) quem

Nesse sentido, o PB e o inglês se diferenciariam apenas no que diz respeito ao primeiro elemento –QU, pois enquanto no inglês o encalhamento da preposição é proibido apenas no segundo elemento –QU (cf. (94)), no PB ele é proibido em ambos (cf. (95)):

<sup>27</sup> Na verdade, essa restrição já foi questionada na literatura em trabalhos como Chung (2013).

(94) John talked about something to somebody, but I don't remember (about) what \*(to) whom

(95) João falou sobre alguma coisa com alguém, mas eu não sei \*(sobre) o que \*(com) quem

Ao analisar os exemplos acima e incorporando a proposta de Lasnik (2006b) para o inglês, Rodrigues et al. (2009) concluem que o *sluicing* múltiplo no PB envolve movimento do primeiro elemento –QU, extraposição à direita do segundo elemento –QU e apagamento do TP em PF.

De acordo com Rodrigues et al. (2009), a agramaticalidade de (95) é explicada pela hipótese do *pseudosluicing*. Primeiro, porque como no inglês, o encailhamento da preposição no segundo elemento –QU é proibido porque extraposição à direita e encailhamento de preposição são processos sintáticos incompatíveis. Segundo, porque dado que as estruturas clivadas são estruturas compostas por duas orações, o primeiro elemento –QU não pode conter preposição encailhada. Já o segundo elemento –QU só poderia sobreviver à elipse caso se movesse para fora da sentença relativa encaixada, o que violaria a restrição *Right Roof*<sup>28</sup>. Por essa razão, a agramaticalidade de (95) não pode ser atribuída a restrições de encailhamento de preposição, mas a um movimento ilegítimo do segundo elemento –QU.

(96) ... mas eu não sei que coisa [TP é [DP a coisa [RC sobre a qual João falou]] [com quem]

A conclusão que se segue é que, para que o *sluicing* múltiplo seja permitido, é necessário haver movimento do primeiro elemento –QU seguido de extraposição à direita do segundo elemento –QU e nenhum desses processos licenciam o encailhamento da preposição. Portanto, a impossibilidade de ocorrência de encailhamento de preposição em casos de *sluicing* múltiplo no português se deve ao fato de que as estruturas clivadas são formadas por duas orações.

<sup>28</sup> Restrição de *Right Roof* (*Right Roof Constraint*) é uma condição sobre o movimento de extraposição à direita, primeiramente formulado por Ross (1967) e assim denominado por Soames & Perlmutter (1979), segundo o qual não é possível a extraposição a partir de orações encaixadas, uma vez que existe um “telhado” (*roof*) à direita que impediria esse movimento.

### 3.5.2 Modificação com *mais*

Merchant (2001) e Almeida & Yoshida (2007) utilizam a modificação com *mais* como evidência de que o *sluicing*, tanto no inglês quanto no PB, não se trata de um caso de *pseudosluicing*. Merchant (2001) destaca que esse tipo de modificador não é possível em casos de clivagem (97a), mas é possível com construções interrogativas regulares (97b). Segue-se, portanto, que a estrutura elidida no exemplo de *sluicing* em (97c) é uma interrogativa regular e não uma estrutura clivada.

- (97) a. \*Mary was here, but I don't know who else it was that was here  
 b. Mary was here, but I don't know who else was here  
 c. Mary was here, but I don't know who else

De acordo com Rodrigues et al. (2009), no entanto, o PB se diferencia do inglês, uma vez que permite que o modificador *mais* seja usado tanto em estruturas clivadas (98a) quanto em estruturas com *sluicing* (98b).

- (98) a. Me fala quem mais é que você quer convidar para sua festa  
 b. Maria estava aqui, mas eu não sei quem mais

Em vista disso, pode-se dizer que a aceitabilidade de (98b) é compatível com a hipótese de *pseudosluicing* e que o encalhamento de preposição no *sluicing* deriva de estruturas clivadas e não de interrogativas regulares.

### 3.5.3 Modificação com expressões agressivas não *D-link*

Merchant (2001) e Almeida & Yoshida (2007) usam as expressões agressivas sem *D-link*<sup>29</sup> como argumento desfavorável à hipótese do *pseudosluicing*.

<sup>29</sup> Baseados nas afirmações de den Dikken & Giannakidou (2002), que argumentam que essas expressões estão associadas aos itens de polaridade, e de Pinker (2007), segundo o qual o conteúdo dessas expressões envolve religião ou reprodução, Rodrigues et al. (2009) se referem a esses modificadores como RPI's, do inglês *religious/reproductive polarity items*.

De acordo com eles, tanto no inglês quanto no PB, esse tipo de modificação é bem aceito com estruturas clivadas, mas não com o *sluicing*.

- (99) a. Maria falou com alguém ontem. Eu só queria saber (com) quem diabos foi!  
 b. \*Maria gostou de alguma coisa naquela casa, mas eu não sei que diabos

Rodrigues et al. (2009) argumentam que a agramaticalidade de (99b) não representa uma contraevidência à hipótese de *pseudosluicing*, já que a agramaticalidade permaneceria mesmo se a preposição não tivesse sido apagada.

- (100) \*Maria gostou de alguma coisa naquela casa, mas eu não sei de que diabos

Além disso, os modificadores agressivos podem sim ser compatíveis com a hipótese de *pseudosluicing*, caso a cópula não seja apagada. Neste caso, a cópula receberia ênfase e a sentença seria considerada gramatical.

- (101) Maria gostou de alguma coisa naquela casa, mas eu não sei que diabos É

Segundo os autores, essa constatação é, de certa forma, similar à observação de Merchant (2002), segundo a qual, no inglês, os modificadores agressivos são proibidos nos casos de *sluicing*, mas permitidos nos casos de *swiping*.

- (102) a. \*They were arguing about something. I wish I knew about what the hell  
 b. They were arguing about something. I wish I knew what the hell about

Merchant (2002) afirma que, no *swiping*, a preposição recebe ênfase, assim como a cópula, nos casos de *sluicing* no PB, de acordo com Rodrigues et al. (2009).

Sprouse (2006) propõe que o contraste entre *sluicing* e *swiping*, no que diz respeito ao licenciamento de modificadores agressivos não *D-link*, resulta da combinação de alguns fatores fonológicos:

- (103) a. Cada domínio de foco deve receber seu próprio acento sentencial;  
 b. Palavras –QU deslocadas formam seu próprio domínio de foco;

- c. O material que segue a palavra –QU e não recebeu ênfase faz parte do domínio de foco mais próximo;
- d. Expressões agressivas não podem receber ênfase.

Aplicando-se essas regras, portanto, teríamos as seguintes possibilidades:

- (104) a. ... [but I don't know] [**what**]  
 b. \*... [but I don't know] [**what**] [**the hell**]  
 c. ... [but I don't know] [what] [about]  
 d. ... [but I don't know] [**what**] [the hell] [**about**]

Portanto, assumindo-se que os mesmos acentos sentenciais podem ser aplicados ao PB, pode-se inferir que as expressões agressivas não *D-link* não são permitidas em casos de *pseudosluicing* apenas quando não estiverem seguidas de algum material, como a cópula, por exemplo.

- (105) a. ... [mas eu não sei] [o que]  
 b. \*... [mas eu não sei] [**que**] [**diabos**]  
 c. ... [mas eu não sei] [**que**] [diabos] [é]

Em suma, o não licenciamento de modificadores agressivos não *D-link* em estruturas com *sluicing* não pode ser tomado como contra-argumento à hipótese de *pseudosluicing*, já que esse tipo de modificação não é admitido apenas em casos em que somente a expressão agressiva sobrevive à elisão. Para Rodrigues et al. (2009), isso se deve ao fato de que, devido a restrições de acento sentencial, uma expressão agressiva não pode ser o último elemento a anteceder o sítio elidido.

### 3.5.4 Complementizadores no *sluicing*

No PB, o complementizador *que* pode aparecer em estruturas em que a palavra –QU ocupa o SpecCP, como em (105):

(106) Quem que você viu?

Rodrigues et al. (2009) argumentam que a análise do *sluicing* no PB como estrutura clivada está relacionada à presença desse complementizador nas estruturas com *sluicing*, em alguns dialetos do PB.

(107) a. João falou com alguém

b. Será (com) quem que?

A proposta dos autores é que a sentença em (107b) não pode ser analisada como uma interrogativa regular, uma vez que permite o encaimento da preposição. Para eles, (107b) é um exemplo de uma estrutura clivada, em que o complementizador foi retido no contexto do *sluicing*. Em vista disso, (107b) seria analisada como em (108).

(108) Será quem que [<sub>TP</sub> é a pessoa com quem João falou]

De acordo com os autores, o argumento de que a retenção do complementizador no *sluicing* fornece evidências para hipótese do *pseudosluicing* se corrobora quando diante do fato de que o complementizador *que* não pode acompanhar as duas palavras –QU em casos de *sluicing* múltiplo (109a). A análise de Rodrigues et al. (2009) prevê que a retenção do complementizador é possível no *sluicing* múltiplo apenas quando a segunda palavra –QU acompanha o complementizador (109b). Isso porque a segunda palavra –QU foi extraposta à direita e deve, portanto, seguir *que* (conferir estrutura em (109c)).

(109) a. \*Maria comprou alguma coisa para alguém. Eu queria saber o que para quem que

b. Maria comprou alguma coisa para alguém. Eu queria saber o que que para quem

c. Maria comprou alguma coisa para alguém. Eu queria saber o que que [é ~~que Maria comprou~~ *t*] [*t*] [para quem]

Desta forma, na visão dos autores, o fato de a retenção do complementizador no *sluicing* permitir o encalhamento da preposição é explicado pela hipótese de *pseudosluicing*.

### 3.5.5 Perguntas divididas

As perguntas divididas podem ser definidas como um fenômeno em que a resposta à pergunta está incluída na própria pergunta (cf. (110a)). Arregi (2007) analisa esse fenômeno no espanhol e demonstra que as perguntas divididas são, na verdade, compostas por duas sentenças sintaticamente independentes, em que a primeira é uma pergunta –QU regular e a segunda, uma pergunta sim-não que foi submetida à elipse sentencial de despojamento (cf. (110b)). Essa análise de Arregi (2007) reflete a ideia de que o despojamento requer que o movimento para a periferia esquerda aconteça antes da elipse. Rodrigues et al. (2009) propõem que essa análise pode ser estendida ao PB (cf. (111)).

(110) a. ¿Qué libro há leído Juan, *Guerra y Paz*?

b. ¿Qué libro há leído Juan? ¿[*Guerra y Paz*]<sub>i</sub> [~~há leído Juan~~ *t*]?

(111) a. Que livro João leu, *Crime e Castigo*?

b. Que livro João leu, [*Crime e Castigo*]<sub>i</sub> [~~João leu~~ *t*]?

Segundo Rodrigues et al. (2009), quando a pergunta de final de frase é um PP, segue-se o seguinte padrão: caso a primeira sentença seja uma pergunta –QU regular, a preposição na pergunta de final de frase não pode ser apagada, como mostra (112a). Entretanto, caso a primeira sentença possua uma estrutura de clivagem, então a preposição na pergunta de final de frase deve ser omitida, como mostra (112b).

(112) a. \*Com que menina ele saiu, a Helena?

b. Quem é a menina com quem ele saiu, a Helena?

Essa análise se deve ao pressuposto de que a elipse na pergunta de final de frase é licenciada via paralelismo com o antecedente. Assim, se o antecedente não é uma estrutura clivada, a pergunta de final de frase também não deve conter uma estrutura clivada e o enclivamento da preposição fica proibido. No entanto, caso o antecedente contenha uma estrutura clivada, então a pergunta de final de frase também deve conter uma estrutura clivada, e o enclivamento da preposição é permitido.

### 3.5.6 Conclusões

O PB é uma língua que não permite enclivamento de preposição, mas o permite no contexto do *sluicing*. Portanto, como argumenta Almeida & Yoshida (2007), é uma língua que pode ser tomada como contraevidência a generalização proposta por Merchant (2001). Todavia, Rodrigues et al. (2009) reanalisam o PB e demonstram que há duas origens para a elipse do TP: *sluicing* regular, como propõe Merchant (2001), e *pseudosluicing*, que envolve apagamento de um TP clivado. O *sluicing* no PB seria um caso de *pseudosluicing* e o argumento de Almeida & Yoshida (2007) não estaria correto.

A consequência mais forte da proposta de Rodrigues et al. (2009) é que todas as línguas que parecem violar a generalização de Merchant poderiam ser analisadas sob a hipótese de *pseudosluicing*.

Rodrigues et al. (2009) propõem, ainda, que a generalização de Merchant para as línguas românicas, como o PB, deveria ser reformulada como em (113), em que a disponibilidade do enclivamento de preposição no *sluicing* estaria subordinada a configurações sintáticas específicas e não a línguas.

#### (113) **Generalização de Merchant Revisada**

“Para cada configuração sintática C, se o enclivamento de preposição é proibido em C nas versões não elípticas, também será proibido em C em caso de *sluicing*.”  
(Rodrigues et al., 2009, p. 195)

Para os autores, a revisão acima proposta confirma a intuição de Merchant (2001), segundo a qual o efeito de reparação do *sluicing* é seletivo.

Nossa proposta, neste trabalho, é investigar a hipótese e previsões de Rodrigues et al. (2009). Por esse motivo, no próximo capítulo apresentaremos um experimento que conduzimos com vistas a esclarecer o fenômeno *sluicing*.